

## Um dominó de palavras e de ideias

A criação de uma nova versão do 'clássico moderno' *Estava sentado no meu pátio* este tipo apareceu e eu pensei que estava a alucinar coincidiu com as comemorações dos oitenta anos de vida de um dos mais importantes criadores do teatro contemporâneo, o texano Robert Wilson. E este facto não foi coincidência. Há muito que as imagens fortes que este criador semeia pelos principais palcos do Mundo deixam um rasto na memória de quem assiste às suas criações. *Estava sentado no meu pátio...* — escrita e interpretada por Wilson em 1977 e co-encenada pela coreógrafa e bailarina Lucinda Childs, que também participou na produção agora levada a cena — é um objecto-charneira na obra deste criador, e surge na sequência do enorme sucesso da encenação da ópera de Phillip Glass *Einstein na praia*.

Wilson reinventou-se através desta sucessão de ideias e de "pequenas histórias instantâneas, um sonho acordado semelhante a um *zapping* televisivo, no qual o imaginário sonoro e as associações de ideias criam um sentido, apesar de o texto não assentar numa linha narrativa propriamente dita", nas palavras de Charles Chemin, encenador associado desta recriação.

Na criação original, Lucinda

Childs surgia envolvida numa aura de sofisticação e de nostalgia burguesa, pouco usual no grupo de artistas nova-iorquinos com quem os dois criadores se relacionavam na altura. Nesta versão da peça — estreada em Paris em Setembro do ano passado, durante o Festival de Outono, e protagonizada por dois novos intérpretes, Christopher Nell e Julie Shanahan — Wilson não quis andar pelo Mundo a exhibir uma peça de museu. Nesta obra, a repetição do texto — interpretado primeiro pelo homem e depois pela mulher — torna-se obsessiva.

Sucedem-se as mesmas palavras, a mesma situação e os mesmos sonhos etéreos. Só a música sobressai (Bach, Schubert, Lully, Galasso), assim como as imagens que surgem momentaneamente num pequeno écran e que não têm que ver nem com o que se passa em cena nem com o texto que é dito. Wilson parece ter construído um espectáculo a partir dos pensamentos misteriosos que nos assombram, deixando-nos espaço suficiente para que vivamos o nosso próprio "sonho acordado, alimentado por imagens de uma beleza inefável" (in *Le Monde*). A propósito de um episódio que antecedeu a criação original do espectáculo, o encenador recorda que "uma estudante, um dia, es-



O actor alemão Christopher Nell interpreta o papel originalmente criado por Bob Wilson

queceu-se do seu caderno e pediu emprestado o de uma colega. E as notas que uma e outra tinham tomado da mesma aula eram completamente diferentes.

No teatro isso está sempre a acontecer: é precisamente o que

se passa com o público nos espectáculos. A compreensão literal daquilo que estas duas personagens dizem não é o mais importante, mas sim a sua textura emocional: este texto é como uma corrente cujos elos não se tocam".

## As confissões de uma anarquista

Explica-nos Nadège Prugnard a propósito desta sua criação, estreada no ano passado: "Sou francesa e portuguesa. O meu avô, como outras centenas de milhares de portugueses, chegou a França fugindo do regime de Salazar. É sobre esta emigração íntima e política, feita do fado que me corre nas veias, que eu falo. Um fado da alma e do exílio, que sempre ocultei, como um segredo difícil de revelar, e que agora resolvi enfren-

tar transformando-o em poema. A partir de uma recolha de palavras feita em França e em Portugal, compus um texto poético para ser cantado, feito de desenraizamento, do peso, do destino, da ausência e de melancolia. Mas esta é também uma canção de protesto. Um hino à glória do povo e dos resistentes de Portugal e de França".

A raiva que Nadège Prugnard traz para o palco em *Fado nas veias* lembra a energia da cantora

alemã Nina Hagen. A guitarra que a acompanha é um baixo eléctrico. A tuba, os trompetes e a bateria tornam ácido este serão poético. Aqui e ali, surgem alusões aos outros dois efes — Futebol e Fátima — que costumavam acompanhar o retrato de um Portugal ainda fresco nas nossas memórias.

Marina da Silva, crítica de teatro no jornal francês *L'humanité*, definiu este espectáculo como "as confissões de uma anarquista".



Prugnard conversará com o público dia 18

# Beleza e horror

A peça *A coragem da minha mãe*, de George Tabori, começou por ser um conto concebido a partir das memórias de Elsa Tabori, depois foi uma peça radiofónica, e só em 1979 foi levada a palco, como explicou Eunice Tudeia de Azevedo. Pedro Carraca começou por explicar que “esta peça ia começar a ser ensaiada quando ficámos todos fechados em casa com o confinamento”. A companhia decidiu que deviam continuar

a ensaiar, apesar de tudo. “Eu ia ter a casa do Jorge [Silva Melo], e os ensaios começaram comigo, com ele, e com o Américo Silva a ajudar no texto. Os dois de máscara: ele de um lado da sala, muito longe, eu do outro lado, o Américo à porta, com medo de entrar, a janela aberta pelo meio. E ficámos a pensar sobre como é que podíamos fazer esta peça sem nos pormos em perigo uns aos outros. Esta é uma história sobre humanidade, e sobre como o heroísmo não tem de ser exclusivamente um herói que pega em armas. Tabori, realmente, escreve muito bem sobre o lado surreal da existência: a peça está cheia de imagens lindíssimas e bucólicas. Por exemplo, aquela ima-



© Cláudio Ferreira

gem do comboio que está parado num campo dourado. Há um campo de papoilas, e aparece um homem que é abatido a tiro. O autor está sempre a confrontar a beleza com este tipo de horror”.

## O teatro e o crescimento das extremas-direitas

Em Julho de 1995, pela primeira vez na História da V República francesa, a Frente Nacional (FN), à época dirigida por Jean-Marie Le Pen, conquista várias câmaras municipais.

Em Orange, sede de grandes festivais de música e de dança com repercussão internacional, alguns criadores recusaram-se a colaborar com os novos eleitos. Anteviram o futuro, que foi feito, desde aí, de tentativas por parte desses decisores políticos de impor uma estética folclorista, de promover autores próximos da Frente Nacional, e de reduzir o pluralismo cultural. Nalguns casos só a intervenção do Estado Central salvou essas iniciativas culturais. Este jogo do gato

e do rato só se tem agravado nos últimos anos. Não só em França, como também em Itália, Espanha e na Alemanha. É chegado o momento de debater um problema que afecta criadores, público e a sociedade em geral. *Que pode o teatro face ao crescimento das extremas-direitas?* será pois o tema abordado nesta edição d'Os Encontros da Cerca, um fórum de debate com tradição forte no Festival. Amanhã às 15h00 na Casa da Cerca.

Sandra Monteiro, directora da edição portuguesa do jornal *Le monde diplomatique* moderará um debate com Maria João Brilhante, professora e membro do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Marina da Silva, crítica de teatro nos jornais *Le monde diplomatique* e *L'Humanité*; Olivier Neveux, professor de História e de Estética do Teatro na Ens de Lyon; e Rui Pina Coelho, dramaturgo, professor e director da revista *Sinais de Cena*. Olivier Neveux é autor do livro *Contre le théâtre politique*, cujo título provocatório é explicado na introdução: “De espectáculo em espectáculo, acabei por chegar à conclusão de que o teatro e a política só serão interessantes e vivos um para o outro se conseguirem desfazer-se daquilo que os aproxima e concilia. Enfim, só serão úteis, na sua estranha associação, na medida em que forem capazes de se lançarem ‘contra o teatro político’”.

## MEU FESTIVAL Humorístico e incomodativo

Decidi-me por uma produção da edição de 2013, da Compagnie de Théâtre Dijon Bourgogne: *E se nos metêssemos ao barulho?*. Desde o local escolhido, um pátio (mas podia ter sido uma praça ou uma rua), tudo nos transportou para a génese do teatro de rua, para o convívio e contacto com o público, lembrando-nos o ambiente dos jograis e das companhias itinerantes a que

tanto o teatro deve. Uma produção simples, mas eficaz e apelativa. Representações magníficas, dos actores e da actriz e, é claro, um texto humorístico, incómodo e incomodativo, para agitar o espírito, a modorra e o comodismo intelectual e social em que tantos e tantas têm caído. Um espectáculo que, numa análise mais extrema, põe em causa uma sociedade cujos políticos eleitos preferem atribuir mais dinheiro ao orçamento das despesas militares do que à verba para o sector da Cultura! Mas se é natural para o teatro ser interventivo e incomodativo, pelos vistos, não o é menos para os detentores do Poder terem receio das con-



© Vincent Anbelet

sequências pessoais e sociais do acesso público e genérico da Cultura. Ah! Por fim, o espectáculo mencionado foi eleito como Espectáculo de Honra, regressando no ano seguinte, e tendo caído no gotto dos espectadores... pelo menos! | Paulo Basílio, 54 anos, carteiro

## O sentido dos Mestres

Ontem os participantes d'*O sentido dos Mestres*, tiveram uma surpresa. Foram os primeiros a assistir ao vídeo *O segredo da porta fechada*. Uma viagem onírica a uma casa onde se esconde uma cidade/biblioteca, feita de edifícios e avenidas de livros. Um conto visual mágico onde *O barão trepador*, de Italo Calvino, um dos livros da vida de José Manuel Castanheira, espreita a cada esquina. Um final de tarde de espantos e encantos.

## AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Colóquio  
**Encontros da Cerca**  
Casa da Cerca

15:00 | Teatro  
**Tierras del Sud**  
Fórum Romeu Correia

19:00 | Teatro  
**Falaise**  
Centro Cultural de Belém

20:30 | Música  
**Thomas Attar & Tó Trips**  
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro  
**I was sitting...**  
Teatro Nacional D. Maria II

22:00 | Teatro  
**Fado dans les veines**  
Escola D. António da Costa

23:30 | Música  
**PAUS**  
Escola D. António da Costa

## RESTAURANTE DA ESPLANADA

**HOJE**  
Carne guisada à greca  
Bacalhau com natas

**AMANHÃ**  
Coq au vin  
Pastéis de bacalhau c/ arroz de tomate

